



GT 13. Antropologia dos direitos e das moralidades: Estado, "violência" e

Coordenador(es):

Flavia Medeiros Santos (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Lucia Eilbaum (UFF - Universidade Federal Fluminense)

O GT debaterá práticas, sentidos e valores associados a processos de configuração da “violência de estado” nas suas dimensões políticas, sociais e morais. Consideramos “violência” como categoria local, relacional e polissêmica, interessando discutir etnografias que analisem processos e/ou casos classificados como violência e como esta categoria têm efeitos na produção de direitos, moralidades e nas práticas de intervenção estatal e/ou paraestatal. O GT terá como questões: como se constroem práticas e moralidades em torno da categoria violência de estado?; como são criados, manipulados, incorporados, legitimados e/ou naturalizados dispositivos que resultam em processos e/ou casos definidos como violência de estado?; como se estabelecem movimentos sociais e processos políticos de demanda por direitos humanos e luta contra a violência de estado?; como casos denunciados como violência de estado repercutem? Esperamos trabalhos que analisem a relação entre violência de estado e direitos humanos, sua profundidade e continuidade histórica e categorias que lhe dão forma em processos sociais singulares. Em especial, etnografias que discutam práticas estatais e dispositivos de intervenção (burocráticos, judiciais, policiais, administrativos); processos de demandas e mobilização por direitos, considerando regimes políticos distintos e; contextos de demanda por justiça, verdade, memória, reparação, e denúncia de violência institucional, extermínio, terrorismo de estado e genocídio.

?Linha Dura?, ?Mamãezada? e ?Pão Doce?: conflitos profissionais e produção do imperativo securitário no sistema socioeducativo do Rio de Janeiro

Autoria: Juliana Vinuto Lima (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Este work apresentará resultados de pesquisa de tese sobre os agentes socioeducativos do Degase, instituição responsável pela execução das medidas socioeducativas de semiliberdade e internação no estado do Rio de Janeiro. Se discorrerá sobre alguns conflitos cotidianos entre estes profissionais a fim de compreender a centralidade dos procedimentos de segurança em detrimento das atividades socioeducativas em sua jornada de work. A partir da análise de termos nativos mobilizados pejorativamente para indicar a inadequação das ações de determinados colegas de work, espera-se analisar compreensões socialmente partilhadas sobre o que deveria ser a medida socioeducativa de internação segundo diferentes agentes socioeducativos. Categorias como ?Linha Dura?, ?Mamãezada? e ?Pão Doce? sugerem um contexto acusatorial e pretendem personificar as diferenças vistas pelos agentes socioeducativos entre o work de segurança e o de socioeducação. São muitas as diferenças entre o agente ?linha dura? e o agente ?mamãezada? ou ?pão doce?, e um exemplo é a maneira como esses diferentes profissionais definem o uso do tapa na cara do adolescente internado: enquanto para alguns agentes socioeducativos um tapa na cara é um abuso violento, para outros, trata-se de uma ferramenta diária de work, retirando seu conteúdo relacionado à violência. Apesar das diferenças entre o agente ?linha dura? e o agente ?mamãezada? ou ?pão doce? o que revela a inexistência de um grupo uniforme ou coeso? os conflitos rotineiros entre os mesmos fortalecem o caráter disjuntivo da instituição (MEYER E ROWAN, 1977) e permite que diferentes grupos não compartilhem o mesmo enquadramento (GOFFMAN, 2012) sobre o work que a instituição deve realizar. Tais conflitos cotidianos, que ocorrem em críticas e discordâncias pontuais, não sugerem a existência de desordem, mas, ao contrário, constroem a impressão de homogeneidade que goza a instituição. Isso ocorre



porque esses conflitos cotidianos não ganham amplitude, não transformam. Ainda assim, tem grandes consequências para o funcionamento do Degase, já que na prática cotidiana, há a vitória dos agentes ?linha dura? no cotidiano das unidades, ainda que esta perca legitimidade nos discursos oficiais. Se concordarmos com Simmel (2011) que os conflitos almejam resolver a tensão entre contrastes, os embates entre agentes socioeducativos que se orientam por diferentes concepções sobre seu próprio work resolvem a tensão entre segurança e socioeducação existente nos centros de internação do Degase. Isto é, tais disputas são parte constituinte da ordem interna existente no Degase, baseada na obviedade com que é vista a centralidade dos procedimentos de segurança e a prescindibilidade com que são vistas as atividades socioeducativas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: